

Do Sul para o Mundo

Outras perspectivas dos estudos de tradução

Rozane Rodrigues Rebechi
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Márcia Moura da Silva
Cleci Regina Bevilacqua
(Organizadoras)

Copyright © Editora CirKula LTDA, 2024.

1º edição - 2024

REVISÃO E PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS: Mauro Meirelles, Rozane Rodrigues Rebechi, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, Márcia Moura da Silva, Cleci Regina Bevilacqua

PROJETO GRÁFICO: Mauro Meirelles

NORMATIZAÇÃO, EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO: Mauro Meirelles

REVISÃO DO ARQUIVO FINAL: Gustavo Duarte e Mauro Meirelles

CAPA: Luciana Hoppe

TIRAGEM: 500 exemplares para distribuição digital.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

D631 Do Sul para o mundo: outras perspectivas dos estudos da tradução [recurso eletrônico] / Rozane Rodrigues Rebechi ... [et al.], organizadoras. – 1.ed. – Porto Alegre: CirKula, 2024.
386 p.: il.

ISBN: 978-85-7150-073-0

E-book

1. Tradução. 2. Tradutores. 3. Formação de tradutores. 4. Intérpretes de Libras – Formação de tradutores. 5. Pesquisadores em Tradução. 6. Tradução – Inovação. 7. Tradutor intérprete. I. Rebechi, Rozane Rodrigues. II. Reuillard, Patrícia Chittoni Ramos. III. Silva, Márcia Moura da. IV. Bevilacqua, Cleci Regina.

CDU: 81'25

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

<https://doi.org/10.29327/5385930>

Todos os direitos reservados à Editora CirKula LTDA. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Editora CirKula

Av. Osvaldo Aranha, 522 - Bomfim - Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190

e-mail: editora@circula.com.br

Loja Virtual: www.livrariacirkula.com.br

Este livro foi submetido à revisão por pares, conforme exigem as regras do Qualis Livros da CAPES.

ROZANE RODRIGUES REBECHI
PATRÍCIA CHITTONI RAMOS REUILLARD
MÁRCIA MOURA DA SILVA
CLECI REGINA BEVILACQUA
(ORGANIZADORAS)

DO SUL PARA O MUNDO OUTRAS PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO


cirkula
Porto Alegre
2024

A JORNADA DE FORMAÇÃO DE TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LIBRAS: DA GRADUAÇÃO ÀS FORMAÇÕES CONTINUADAS

Vinicius Martins Flores

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução

A jornada de formação de tradutores/intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (doravante, TILS) é uma trajetória complexa e desafiadora, que se estende desde os primeiros passos na graduação até as etapas de formação continuada. A formação inicial em tradução/interpretação de Libras envolve aprender a língua e a cultura de uma comunidade que vive em nosso país, às quais nem todos têm acesso, visto que Libras não é uma língua ofertada na Educação Básica, é raramente ministrada como curso livre, e, nas redes de comunicação, aparece como janela de língua de sinais em horários eleitorais (Lei nº 13.146/2015, art. 67 e 76, § 1º, III; e ABNT/NBR, 2016) ou em avisos de classificação indicativa na programação aberta de televisão (Portaria MJ nº 1.220, de 11 de julho de 2007).

À medida que os TILS progredem em sua formação e constroem suas carreiras, a busca por formação continuada se torna essencial, pois as demandas e as nuances da tradução e interpretação em contextos variados tendem a evoluir. Essa jornada formativa é fundamental para garantir que os TILS estejam capacitados para enfrentar os desafios profissionais e atender às necessidades de pessoas surdas em diferentes cenários.

Este capítulo tem como objetivo geral apresentar um recorte histórico da jornada de formação de TILS do Rio Grande do Sul (RS) e demonstrar a importância de uma formação abrangente que incorpore na graduação as atividades de extensão e pesquisa como parte do percurso formativo do profissional da tradução/interpretação. Para iniciar a discussão, apresenta-se a premissa de que as pessoas leigas em línguas de sinais equiparam-nas com mímicas, gestos ou qualquer outra representação, em vez de entendê-las como línguas. Isso se aplica tanto aos contratantes de TILS, quanto aos estudantes que ingressam em um curso, seja de graduação ou curso livre de língua.

É bastante comum que um aprendiz ouvinte da Libras, nas primeiras aulas, descubra que essa língua possui um alto grau de iconicidade¹, além de classificadores² e uma ampla variedade de manifestações de expressão corporal e facial. Os mitos referentes à Libras podem ser motivadores para a busca por seu aprendizado ou, em alguns casos, podem ser limitadores para a sua aprendizagem. A sociedade acaba por amplificar o senso comum, visto que a Libras foi reconhecida legalmente como língua há pouco mais de duas décadas.

Para explicitar esses mitos, apoiamo-nos nos estudos de Quadros e Karnopp (2004), que apresentam seis deles que têm relação direta ou indireta com a iconicidade.

1 Os estudos sobre iconicidade entendem um sinal icônico como aquele que demonstra uma similaridade entre a forma linguística e a coisa/conceito representada por ele (TOMASZEWSKI, 2001; WILCOX, 2004).

2 Classificadores representam a relação entre significação-função em um dado contexto dentro do sistema de uma determinada língua (PIZZIO *et al.*, 2009, p. 06). Portanto, manifestam-se de diversas formas na língua de sinais, unindo um sinal à situação que deseja expressar por meio de uma representação imagética.

Os mitos apresentados e discutidos pelas autoras são: Mito 1: “A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 31); Mito 2: “Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 33); Mito 3: “Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, que seria derivada das línguas orais, sendo um *pidgin* sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas de sinais” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 34); Mito 4: “A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 35); Mito 5: “As línguas de sinais derivaram da comunicação gestual espontânea dos ouvintes” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 36); Mito 6: “As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo pela linguagem” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 36).

Os mitos citados acima são discutidos de forma aprofundada por Quadros e Karnopp (2004), e também por outros pesquisadores, com grande maestria (FORSTER, 2006; QUADROS e PIZZIO, 2009; GESSER, 2010; SILVEIRA, 2012; STELLE e STREIECHEN, 2013). Portanto, este trabalho não tem como objetivo principal discutir mitos, mas sintetizar as discussões que permeiam os mesmos, salientando que os autores supracitados que pesquisaram esse tema retornam sempre às questões que passam o senso comum, que é conceber

a língua de sinais como uma espécie de mímica, uma língua universal e inferior às línguas orais. Essa percepção equivocada das línguas de sinais pode levar a interpretações errôneas, tanto por parte de TILS que atuam sem formação acadêmica quanto daqueles que estão na formação básica, dificultando a compreensão da complexidade da língua. Não compreender que a Libras é uma língua de uma modalidade visuoespacial e que possui a própria gramática faz com que, por vezes, ela não se comporte como o português brasileiro. Isso é um primeiro passo para desmistificar questões como a crença de que a Libras não possui conjugação verbal, quando, na verdade, ela a possui, mas de forma diferente da língua utilizada por nós, ouvintes.

A presente discussão não pretende provar que a língua de sinais é, de fato, uma língua, já que existem diversos estudos comprovando que ela possui todas as características de uma língua natural (STOKOE, 1960; QUADROS e KARNOPP, 2004; ALBRES e NEVES, 2008; BRITO, 2010). Para apresentar um recorte histórico da jornada de formação de TILS do RS e demonstrar a importância de uma formação abrangente que incorpore, na graduação, as atividades de extensão e pesquisa como parte do percurso formativo de um profissional da Tradução e Interpretação, o capítulo se organiza da seguinte forma: (I) mercado de trabalho; (II) formação de TILS; (III) extensão e pesquisa; e (IV) desafios da profissão. O recorte temporal estabelecido fica entre a história formativa dos TILS do Rio Grande do Sul e as experiências do autor enquanto formador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Um desenho do mercado de trabalho

A profissão de TILS desempenha um papel vital na promoção da acessibilidade e inclusão de pessoas surdas usuárias de Libras em diversas esferas da sociedade. Antes de abordar o mercado de trabalho, é importante destacar que a acessibilidade está intrinsecamente ligada ao direito linguístico das pessoas surdas. Garantir que todas as informações, serviços e oportunidades estejam disponíveis em Libras é fundamental para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para a comunidade surda. O direito linguístico das pessoas surdas envolve o reconhecimento e a valorização da Libras, permitindo que elas se expressem e compreendam o mundo de maneira plena, assim como qualquer outra pessoa que utiliza outro idioma. Portanto, acessibilidade e direito linguístico são elementos interdependentes na busca por uma sociedade inclusiva. No entanto, apesar da sua importância inegável, os TILS enfrentam desafios significativos que afetam diretamente a qualidade e o reconhecimento de seu trabalho. Um dos desafios mais prementes enfrentados pelos TILS é a falta de reconhecimento e valorização de sua profissão. Muitas vezes, seu trabalho não é adequadamente compreendido, levando a equívocos sobre a natureza complexa da tradução e interpretação de Libras. Isso se reflete na remuneração muitas vezes inadequada e na falta de apoio institucional para sua formação contínua.

Um desafio crucial que os TILS enfrentam é a necessidade constante de atualizar seus conhecimentos. A língua de sinais é dinâmica e está em constante expansão, assim como os contextos em que os surdos se inserem e os TILS atuam. Portanto, eles devem buscar maneiras de

acompanhar essas mudanças, o que exige um compromisso contínuo com o aprendizado e o aprimoramento de suas habilidades. No entanto, participar de cursos muitas vezes é uma tarefa árdua. Primeiro, é necessário que haja oferta de cursos, o que nem sempre é garantido. Além disso, os empregadores muitas vezes não liberam os TILS para participar de formações, criando um ciclo de obstáculos.

Essa situação se agrava ainda mais pelo fato de os espaços de formação geralmente coincidirem com os horários de maior atividade dos TILS, tornando difícil sua participação em cursos de atualização. Para aqueles que já estão atuando como TILS, a falta de apoio para participar dessas formações dificulta ainda mais a busca por atualização de conhecimento.

Esses obstáculos representam um desafio significativo para os TILS, pois limitam suas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento profissional. As instituições contratantes podem realizar parcerias com os espaços formativos a fim de buscar soluções que permitam aos TILS superar esses obstáculos, garantindo assim que possam continuar a prestar serviços com qualidade e atender às demandas em constante evolução da comunidade surda.

A complexidade da interpretação de sinais técnicos representa um terceiro desafio para os TILS. Isso é especialmente evidente quando se lida com linguagem refinada e especializada em áreas como o Direito, por exemplo. Interpretações imprecisas podem ter sérias consequências. Por isso existe a necessidade de TILS altamente capacitados e especializados nessas áreas. Esses desafios não apenas destacam as complexidades inerentes à profissão de

TILS, mas também ressaltam a urgência de abordá-los. Para garantir que esses profissionais possam fornecer serviços com o mínimo de qualidade, é essencial que haja um reconhecimento mais amplo de sua importância e uma maior valorização (e remuneração) de seu trabalho.

Este texto serve como um ponto de partida para a reflexão sobre os desafios enfrentados pelos TILS, com a esperança de que, ao reconhecermos e abordarmos essas questões, possamos melhorar a qualidade dos serviços de interpretação de Libras e promover a inclusão com equidade em nossa sociedade.

O estudo de Witches e Morais (2021) auxilia na compreensão do rumo da profissão dos TILS, pois aborda a interpretação de língua de sinais no Brasil ao longo das seis primeiras décadas do século XX, fornecendo uma visão abrangente desse contexto histórico. O estudo tem como base os registros históricos que permitem uma compreensão mais profunda da prática de interpretação de língua de sinais durante o início do século XX, incluindo solicitações registradas no Livro de Correspondências do Instituto Nacional de Surdos-Mudos³. Uma conclusão relevante elencada pelos autores é a constatação de que a institucionalização e a profissionalização de intérpretes de língua de sinais no Brasil são eventos extremamente recentes.

Para Witches e Morais (2021), os contextos jurídicos e associativos eram os principais lugares de atuação de um TILS. A interpretação comunitária emergiu como um elemento crucial nas práticas de interpretação de língua de sinais do início do século XX, desempenhando um papel

3 O Instituto Nacional de Educação de Surdos foi fundado em 1856, sob o nome de Colégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos (ROCHA, 2009).

significativo na comunicação e inclusão de pessoas surdas. Um destaque do estudo é a evidência de que a função de intérprete de língua de sinais era frequentemente assumida por professores e membros da família de pessoas surdas, ou seja, eram outros profissionais assumindo um papel além do que eles já possuíam. Essa abordagem de interpretação desempenhou um papel essencial na promoção dos direitos e da inclusão dos surdos no cenário brasileiro, refletindo a relevância histórica da interpretação de língua de sinais na luta contínua por direitos e igualdade para a comunidade surda.

A evolução e o aumento significativo dos espaços de atuação para TILS ao longo das últimas décadas representam uma transformação profunda na maneira como essa profissão é percebida e valorizada na sociedade. Em um passado não muito distante, a atuação dos TILS estava predominantemente restrita a contextos jurídicos e associativos, conforme aponta Witches e Morais (2021), onde sua habilidade de mediar a comunicação entre indivíduos surdos e ouvintes era de extrema relevância. No entanto, a crescente conscientização sobre a importância da Libras, a busca por acessibilidade e a inclusão em diversos setores levaram a uma expansão significativa das oportunidades de trabalho para TILS.

Hoje, os TILS encontram espaços de atuação em uma ampla variedade de cenários. Nas Secretarias de Educação, desempenham um papel fundamental na garantia de que estudantes surdos tenham igualdade de acesso à educação, auxiliando tanto em ambientes escolares de ensino fundamental e médio quanto em instituições de ensino superior, como universidades e faculdades. Nos hospitais e clínicas, sua presença é essencial para garan-

tir que pacientes surdos compreendam informações médicas, promovendo a qualidade dos cuidados de saúde. Além disso, os TILS agora desempenham funções vitais em órgãos públicos, onde mediam a comunicação entre funcionários e cidadãos surdos. Em eventos de grande porte, como conferências e congressos, são recrutados para assegurar que todos os participantes tenham acesso às apresentações e discussões. As empresas de tradução e interpretação também reconhecem o valor dos TILS ao oferecerem serviços de acessibilidade linguística a clientes surdos. Por último, mas não menos importante, emissoras de TV e rádio estão incorporando cada vez mais TILS em suas equipes para garantir que notícias e programas sejam acessíveis a todos os telespectadores e ouvintes.

Essa expansão dos espaços de atuação para TILS é um testemunho do reconhecimento crescente da importância do acesso da comunidade surda e do compromisso em eliminar barreiras linguísticas para as pessoas surdas. O desafio aqui está em fazer com que a sociedade compreenda que se trata de um serviço profissional e não de assistencialismo. Vale ressaltar que, de acordo com Pereira (2008), existem conjecturas de que a prática de interpretação teve suas origens no contexto familiar e gradualmente se expandiu para incluir professores de crianças surdas e espaços religiosos. Ao longo do tempo, à medida que os movimentos sociais e políticos das comunidades surdas ganharam força e as línguas de sinais foram legalmente reconhecidas, finalmente emergiu a figura do TILS como profissional. Isso, no entanto, tem gerado algumas dificuldades no entendimento da profissão pela sociedade.

Os TILS no Rio Grande do Sul

Partindo dos estudos de Rosa (2003, 2005), Santos (2006) e Pereira e Sander (2023), que afirmam haver poucos registros sobre os TILS no Brasil, também podemos dizer que registros da história dos TILS no RS são escassos. Para a elaboração deste capítulo, buscou-se identificar obras que contivessem registros sobre a formação de TILS no RS, e apenas uma publicação, Madeira (2018), foi encontrada abordando o tema, além de uma apresentação em evento (PEREIRA e RUSSO, 2019, Comunicação Oral). Além disso, o autor deste texto incorporou outras informações relevantes relacionadas à sua própria experiência, que fornecem dados sobre a formação de TILS na Região Metropolitana de Porto Alegre e no RS.

Começo pela comunicação oral realizada durante o XII Encontro Nacional de Tradutores e VII Encontro Internacional de Tradutores promovido pela ABRAPT⁴ (Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução) em 2019, intitulada *Relatos Autobiográficos na História dos TILS*⁵ apresentada pelas pesquisadoras Profa. Dra. Maria Cristina Pires Pereira e pela TILS Ma. Ângela Russo. O recorte do estudo se deu a partir das narrativas de trajetórias de formação de TILS das autoras. A pesquisa revelou dados importantes para fins de registro e para a compreensão sobre quem são os

4 ABRAPT – fundada em 1992, é uma associação civil de caráter científico, sem fins lucrativos, que congrega professores universitários, alunos de graduação, pós-graduação e pesquisadores das áreas de tradução e interpretação.

5 O material da comunicação oral foi disponibilizado pelas autoras. As citações e registros, portanto, basearam-se no documento de apresentação (PPT) e nas anotações realizadas pelo pesquisador autor do texto que esteve presente no evento e assistiu à apresentação.

TILS de nossa região. A metodologia empregada foi de análise documental, tendo como fonte certificados, fotografias, panfletos, anotações e documentos. Todo o arcabouço de materiais analisados é oriundo da internet, de acervo pessoal das pesquisadoras e de atas e registros da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis) da regional Rio Grande do Sul. Segundo as autoras,

Os pioneiros na formação de TILS foram, em sua maioria, pessoas formadas em serviço, na prática e muitos destes não têm seus depoimentos registrados, ainda, deixando as novas gerações de futuros profissionais sem referências ou com lacunas em sua perspectiva de constituição histórica profissional (PEREIRA e RUSSO, 2019, Comunicação Oral).

Pela apresentação dos dados listados no Quadro 1, é visível que a formação e a história dos TILS no RS são de uma geração recente, que começa a se desenvolver há pouco tempo nas universidades. No Quadro 1, listam-se os dados fornecidos por Pereira e Russo (2019, Comunicação Oral), com informações relacionadas à região metropolitana e à capital do Estado:

Quadro 1: Dados dos relatos autobiográficos na história dos TILS.

Ano	Carga-horária	Evento/Curso	Informação adicional
1994	-	Encontro dos Intérpretes de LS do RS	10 intérpretes participaram
1997	80 Horas	UFRGS /FENEIS	Curso
2000	120 Horas	FAT/FENES	Curso
2004	104 Horas	FENEIS	Curso
2004/2005	320 Horas	UNILASALLE/FENEIS	Curso de extensão universitária
2006	400 Horas	UNILASALLE/FENEIS	Curso de extensão universitária
2008	3.030 Horas	Curso de graduação em Bacharelado em Letras Libras/EAD – Polo UFRGS – UFSC	Curso em modalidade EaD – Somente uma turma ofertada na cidade de Porto Alegre (iniciada em 2008) e uma em Santa Rosa (iniciada em 2014)
2016	1.200 horas	Curso Técnico em Tradução e Interpretação de Libras - Campus Alvorada/IFRS	Ingresso semestral
2016	3.255 horas	Bacharelado em Letras - Tradutor e Intérprete de Libras - UFRGS	Ingresso anual – curso presencial

Fonte: Pereira e Russo (2019, Comunicação Oral)

Enquanto a capital gaúcha iniciava as discussões em 1997, a Região Sul do Estado também estava em movimento. Conforme o relato de Madeira (2018), publicado

sob o título de *A trajetória dos Tradutores e Intérpretes de Libras de Pelotas e Região Sul*, no ano de 2000, em Pelotas/RS, ofereceu-se um curso de 24 horas de formação de TILS, pois as 130 horas de curso de língua de sinais que antecederam aquela formação não foram contabilizadas como parte da formação de TILS por critério dos organizadores.

A Imagem 1 apresenta a foto da turma dos primeiros TILS da cidade de Pelotas/RS no dia do encerramento da formação. Madeira (2018) ressalta que os TILS “formados nessa turma já possuíam destino de atuação, pois iriam atuar em uma escola de Ensino Médio com turmas inclusivas, em uma universidade particular no curso de Pedagogia e a Escola Especial Professor Alfredo Dub” (MADEIRA, 2018, p. 230). Portanto, naquela época, a formação dos intérpretes ocorria depois que eles já estavam atuando, ou seja, não era um processo preparatório, mas sim uma formação inicial informal.

Imagem 1 – Turma de TILS – Pelotas/RS.



Fonte: Madeira (2018, p. 230).

No intuito de complementar as informações obtidas através do estudo de Madeira (2018) e de Pereira e Russo (2019), acrescentam-se informações experientiais

das pelo autor, adicionando seu relato pessoal da vivência como TILS. O mesmo começou a atuar como intérprete com formação apenas de língua de sinais, e sem formação formal de tradução/interpretação, a partir de 2000. Portanto, foram inúmeras as experiências e vivências práticas que constituíram o exercício da profissão. Entre erros e acertos, o auxílio vinha das leituras em inglês e em espanhol sobre discussões sobre tradução e interpretação, avisos sobre cursos, eventos formativos e tantos outros compartilhamentos de informações. Além da lista, havia as conversas entre os TILS que atuavam próximos. Nesses contatos com outros TILS, descobriu-se a lista de discussão BrasILS⁶. Na época, por volta do ano de 2003, era comum haver na internet grupos de discussão temáticos. Hoje o Facebook e o WhatsApp possuem grupos de interação, mas, naquele momento, a lista de discussão era um grupo de e-mail, no qual todos os integrantes do grupo recebiam as mensagens enviadas por um indivíduo, após elas terem sido aprovadas por um mediador. Sendo assim, a participação nesse grupo de certa forma fornecia uma “formação” que não era formal, mas supria muitas das angústias geradas pela profissão de TILS.

O ingresso como TILS na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) ocorreu em 2004, ou seja, a formação inicial ocorreu através do exercício prático da profissão, com momentos de trocas com TILS mais experientes e leituras, quando possível, formalizando o conhecimento através da formação em curso de extensão de TILS na Universidade de Caxias do Sul (UCS), em 2006, e perfazendo a graduação em Letras Libras Bacharelado (modalidade EaD no

6 Endereço da lista de discussão da BrasILS - brasils@yahoogrupos.com.br

polo UFRGS), entre 2008 e 2012. Voltando a discorrer sobre a formação, no mesmo período em que ocorrem as formações em Porto Alegre (entre 2000 a 2004), também ocorrem cursos de formação de TILS na cidade de Canoas, ofertados pela ULBRA.

A primeira oferta de formação de TILS ocorreu em 2002, na ULBRA em Canoas/RS, tendo a idealização, execução e coordenação da segunda turma em 2008 por Vinicius Martins Flores e Sandro Rodrigues da Fonseca. Nessa nova gestão, percebeu-se a necessidade de criar mais atividades paralelas para estimular o uso e a aprendizagem da língua de sinais. Assim, foi criado o Clube de Leitura Visual, em 2009, espaço em que eram proporcionados vídeos em Libras a que os estudantes deveriam assistir e, a partir dessa atividade, recontar as histórias, seguindo um roteiro linguístico pré-estabelecido. Além desse projeto, foram ofertadas aulas semanais (gratuitas) em Libras, pois percebia-se que a formação linguística dos estudantes poderia ser direcionada para temáticas, trabalhando dessa forma o vocabulário especializado, tendo em vista a atuação com tradução e interpretação, pois os cursos de Libras ofertados eram raros e com pouco recurso de materiais didáticos.

Ao todo, foram 68 alunos formados em seis edições do curso de TILS da ULBRA, entre os anos de 2009 até 2015. Com relação ao número total dos inscritos para a seleção inicial (entrevista de ingresso), houve mais de 180 candidatos para seis turmas ofertadas. Destes candidatos, 100 foram aprovados, embora apenas 80 tenham ingressado no curso e somente 68 tenham de fato concluído a formação completa. Uma possível explicação para a redução entre ingresso e conclusão do curso pode estar no fato de que muitos procuravam a formação para se tor-

narem professores de surdos e não para serem TILS, ou ainda acreditavam que não era necessário ter formação. Ingressavam, então, no curso e, assim que eram aprovados no PROLIBRAS⁷ (Exame Nacional de Proficiência em Libras), desistiam imediatamente da formação. Ressalta-se que o PROLIBRAS, segundo Quadros *et al.* (2009, p. 9), “é um exame de proficiência que objetiva certificar instrutores e professores de língua de sinais e tradutores e intérpretes de língua de sinais”. Assim, percebe-se que o objetivo do PROLIBRAS não era oferecer a formação, mas sim providenciar a testagem de proficiência, emitindo uma certificação profissional aos aprovados. Para adentrar em discussões sobre esse tema, recomendam-se os estudos de Pereira (2008), Pereira e Fronza (2007; 2011), Quadros *et al.* (2009), Claudio (2010), Karnopp e Claudio (2010), e de Moreira e Fernandes (2011).

O PROLIBRAS foi importante na área, pois impactou as formações de intérprete de forma positiva e negativa: o exame incentivou a busca pelos estudos, e alguns passaram a acreditar que a certificação substituiria a formação. Pensar a formação pela extensão universitária foi o caminho adotado durante alguns anos na região de Porto Alegre/RS, mas, em 2008, surge a formação dos TILS em nível de graduação em Letras Libras Bacharelado, que teve um polo em Porto Alegre, sediado na Faculdade de Educação/UFRGS, e formou 23 estudantes em

7 O exame PROLIBRAS é uma combinação de um exame de proficiência propriamente dito e uma certificação profissional proposto pelo Ministério da Educação como uma ação concreta prevista no Decreto n. 5.626/2005, que regulamenta a Lei n. 10.436/2002, chamada “Lei de Libras”. Basicamente, esse exame objetiva avaliar a compreensão e produção na língua brasileira de sinais – Libras. O exame Prolibras não substitui a formação em todos os níveis educacionais (QUADROS *et al.*, 2009).

2012. O curso universitário foi oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na modalidade a distância, como projeto especial com aporte financeiro da Secretaria de Educação a Distância (SEAD) e da Secretaria de Educação Especial (SEESP) do MEC, em 2006, e da CAPES, a partir de 2009. Nessa modalidade, ocorreu a primeira turma da UFSC em 2006, com término em 2010; e a segunda turma, iniciando em 2008, com término em 2012, com alunos espalhados por 16 estados brasileiros. O curso formou um total de 389 alunos licenciados em 2010, e 312 bacharéis e 378 licenciados em 2012 (QUADROS, 2015).

A partir dos dados apresentados nesta seção, pode-se perceber que a formação de TILS é recente em nosso país e que mais pesquisas sobre esse processo de formação profissional são necessárias, com vistas a colaborar para que a formação seja mais sólida e ampliada para as diferentes frentes em que atua o TILS. Pereira (2008) enfatiza que as investigações iniciaram há pouco mais de 20 anos e, embora tenha havido avanços significativos, diversos temas relacionados à formação ainda necessitam de investigação.

A pesquisa e extensão na formação de TILS

Partindo da premissa de que os leitores têm compreensão sobre o papel da extensão e pesquisa na universidade e sua interconexão com o ensino, destacamos os benefícios do curso de bacharelado em Letras Libras no contexto da formação de Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) a nível de graduação. Atualmente, são oferecidos na UFRGS diversos projetos que permitem que os estudantes se envolvam tanto na esfera da pesquisa quanto

da extensão. Esse engajamento proporciona um enriquecimento acadêmico, o desenvolvimento de habilidades de tradução e pesquisa, a capacidade de liderar ações voltadas para a comunidade externa da universidade, além de uma valiosa contribuição para a sociedade.

Ao ingressarem na graduação em Letras Libras com o objetivo de se tornarem Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), os alunos poderão desfrutar de uma série de benefícios, especialmente por meio da participação em atividades de extensão. Essas oportunidades oferecem uma aplicação prática do conhecimento obtido em sala de aula, proporcionando uma ponte crucial entre a teoria acadêmica e a experiência de mundo.

Esses benefícios são de natureza formativa, pois a participação em atividades de extensão ou pesquisa permite o contato com temas que, na maioria das vezes, não estão incluídos no currículo padrão do curso ou, quando estão, são abordados de forma mais superficial. Essa vantagem é amplificada pelo fato de que as atividades de extensão oferecem experiências práticas e reais, onde os alunos podem aplicar as habilidades linguísticas e culturais que adquiriram em sala de aula. Por meio do envolvimento em projetos de tradução e interpretação de Libras em contextos do mundo real, como eventos públicos, conferências, escolas ou clínicas de saúde, eles adquirem um treinamento prático valioso, desenvolvendo habilidades de tomada de decisão rápida, gerenciamento de estresse e adaptação, todas fundamentais para um TILS. Além disso, essas experiências práticas enriquecem seu portfólio e currículo, tornando-os mais atraentes para futuros empregadores na área. Portanto, a integração de atividades de extensão e pesquisa no processo de formação de um aluno em Letras Libras, que

aspira se tornar um TILS, é essencial para sua preparação abrangente e para se destacar no mercado de trabalho.

Os estudantes têm a oportunidade de colocar em prática as habilidades linguísticas e culturais que adquiriram no contexto real de comunicação com a comunidade surda quando estão em atividades extensionistas. Isso não apenas reforça seu domínio da língua de sinais, mas também amplia sua compreensão das nuances culturais e linguísticas da comunidade surda, o que é fundamental para um TILS.

Em 2023, a extensão não é mais o ponto de partida, como era nos cursos de formação de TILS nas décadas anteriores, especialmente nos anos 2000 e até mesmo por volta de 2015. Hoje, a extensão assume um novo papel, tornando-se um espaço fundamental para colocar em prática a teorização acadêmica adquirida durante a graduação em Letras Libras. Paralelamente, a pesquisa emerge como parte integral e formativa da jornada de um TILS. Engajar-se em projetos de extensão não apenas ajuda a desenvolver habilidades de pesquisa e análise, mas também estimula a curiosidade e o pensamento crítico, promovendo a criatividade e a inovação e proporcionando a oportunidade de se especializar em uma área específica, enriquecendo assim o conhecimento e ampliando a visão de mundo do estudante.

Desafios da profissão

Os TILS, tanto em formação como já formados, têm à disposição um leque diversificado de possibilidades de atuação. Primeiramente, a prestação de serviços em eventos, que inclui desde conferências e seminários até eventos culturais e esportivos, onde sua expertise em mediação de comunicação é essencial para garantir a inclusão de pessoas surdas.

Além disso, muitos TILS optam por oferecer atendimento particular a pessoas surdas, fornecendo suporte em situações cotidianas, como consultas médicas, reuniões escolares e jurídicas, e interações sociais, facilitando a comunicação e garantindo o pleno entendimento das informações. A criação de vídeos e conteúdo em Libras é outra vertente promissora, contribuindo para tornar a internet e as mídias mais acessíveis para a comunidade surda. A tradução de materiais escritos para Libras é uma demanda crescente, abrangendo desde documentos legais até obras literárias, permitindo que pessoas surdas tenham acesso a uma ampla gama de informações.

Ademais, a consultoria em acessibilidade é um campo em crescimento, onde os TILS podem orientar empresas e instituições na implementação de práticas inclusivas e na adaptação de seus ambientes e serviços para atender às necessidades da comunidade surda. Por fim, a legendagem, especialmente em contextos acadêmicos e de entretenimento, exige profissionais qualificados para garantir que conteúdos audiovisuais sejam acessíveis a todos. Essas diversas possibilidades de atuação destacam a importância e a versatilidade dos TILS no contexto de mercado e geram desafios formativos, pois exige um profissional múltiplo e atento às novidades da área.

Pereira (2008), por meio de sua pesquisa, consegue fornecer *insights* que ainda se mantêm válidos em 2023. Até o momento, a área de atuação mais proeminente para TILS continua sendo o setor educacional, seguido, talvez, pelo campo da tradução em contextos artísticos. Essa tendência pode ser atribuída, em parte, à promulgação de leis como a Lei nº 14.399, de 8 de julho de 2022, que estabeleceu a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. Além

disso, a Lei Paulo Gustavo – LPG (Lei Complementar nº 195, de 8 de julho de 2022) tornou obrigatória a presença de intérpretes de Libras em determinados contextos, ampliando as oportunidades de trabalho para profissionais qualificados nessa área. De acordo com Pereira (2008, p. 141):

A tradução de línguas vocais tem seu maior campo não na interpretação, mas na tradução escrita, seguida da prestigiada interpretação de conferências, logicamente internacionais, alguns trabalhos em trâmites e acompanhamento e escassos trabalhos como intérpretes educacionais, se existir esta atuação entre os ILV [Intérpretes de Línguas Vocais]. Os ILS [Intérpretes de Línguas de Sinais] são mais procurados exatamente para a interpretação educacional, devido às políticas inclusivas que perseguem as crianças e jovens surdos através da história, logo em seguida os trâmites e acompanhamentos, pois a sociedade em geral não conhece a língua de sinais de maneira funcional, a interpretação de conferências que no caso das pessoas surdas não necessita ser internacional, pois em seu próprio país são como se fossem estrangeiros e, finalmente, a tradução escrita que ainda não tem representatividade, devido a pouca divulgação no uso de uma escrita de língua de sinais.

A pesquisa de Pereira (2008) ressalta a crescente demanda por serviços de interpretação em Libras, especialmente em ambientes educacionais e culturais. Isso destaca a importância de capacitar TILS com as habilidades necessárias para atender a essas necessidades específicas, garantindo que eles possam contribuir efetivamente para a inclusão de pessoas surdas em diferentes esferas da sociedade. Portanto, à medida que o campo de atuação dos TILS continua a se expandir, é fundamental que esses profissionais recebam

uma formação de base atualizada para enfrentar os desafios e oportunidades que surgem em seu trabalho diário.

Se pensarmos no espaço educacional com base nas conclusões do estudo realizado por Albres e Jung (2023), torna-se evidente uma série de desafios que os TILS enfrentam no contexto de seu trabalho, especialmente nas escolas. O desafio pode ser na formação do TILS, com a escassez de recursos e materiais didáticos em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para servir de apoio na sua formação. Há também o desafio na atuação dos TILS quando os docentes não possuem o horário de planejamento das aulas, impactando na atuação do TILS que fica sem acesso prévio aos materiais, causando ausência de preparação da interpretação. O desafio pode ser institucional, quando há carência de reconhecimento e valorização de seu trabalho e dificuldades inerentes à comunicação e interação com os demais membros da equipe escolar. Essas barreiras, sem dúvida, representam obstáculos significativos para a efetividade da atuação do TILS.

Considerações finais

Este capítulo apresentou um recorte histórico da jornada de formação de TILS do RS e demonstrou a importância de uma formação abrangente que incorpore na graduação as atividades de extensão e a pesquisa como parte do percurso formativo de um profissional da tradução/interpretação. Percebe-se que há múltiplas facetas do campo em constante evolução dos TILS no contexto da formação acadêmica em Letras Libras e as formações simultâneas ou continuadas. Ao longo deste trabalho, destacou-se a transformação progressiva da formação dos TILS, que passou a

ser predominantemente ancorada na graduação, marcando uma mudança significativa em relação às abordagens mais antigas, como cursos livres, de extensão ou técnicos.

Além disso, considerando as legislações em discussão, como o Projeto de Lei (PL) nº 5.614/2020, que tramita no Senado Brasileiro, percebemos a crescente valorização da formação superior para esses profissionais, o que reforça a importância de uma base acadêmica sólida para os TILS. A capacitação contínua, a pesquisa e a participação em atividades de extensão também foram identificadas como elementos formativos para o desenvolvimento profissional desses sujeitos.

Em um contexto mais amplo, a atuação dos TILS revela-se fundamental para a promoção da inclusão e acessibilidade para a comunidade surda. Eles desempenham um papel de destaque como mediadores da comunicação e têm o potencial de contribuir de maneira significativa para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Portanto, é imprescindível que os estudantes e profissionais TILS estejam capacitados para enfrentarem os desafios do campo, adquirindo uma formação sólida e engajando-se em atividades que promovam o crescimento constante de suas habilidades e conhecimentos.

Referências

ABNT. **NBR 15290:2016**. Projeto de pesquisa. Rio de Janeiro: ABNT, 2016.

ALBRES, N. A.; NEVES, S. L. G. (Orgs.). **Libras em estudo: política linguística**. São Paulo: Feneis, 2008.

ALBRES, N. A.; JUNG, A. P. História dos intérpretes de língua de sinais no Brasil: de mãos missionárias à mãos profissionais. **Revista Educação Especial em Debate**, v. 8, n. 15, pp. 115–135, 2023.

BRASIL. **DECRETO Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002.

BRASIL. **Lei Nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Diário Oficial da União, Brasília, 27 jul. 2015.

BRASIL. **Projeto de Lei (PL) nº 5.614/2020**. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, guia-intérprete e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Brasília, 2010.

BRASIL. **Lei nº 14.399, de 8 de julho de 2022**. Brasília, 2022.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

CLAUDIO, J. P. **Proficiência em língua brasileira de sinais - PROLIBRAS: representações sobre o uso e ensino da Libras**. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

FORSTER, R. Desfazendo mitos e mentiras sobre línguas de sinais. In: SHEPHERD, T. M. G.; VASCONCELLOS, Z. (Orgs.). **Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações**. [Volume 2]. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2006. Pp. 82-89.

GESSER, A. **Metodologia de ensino em Libras como L2**. [Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

KARNOPP, L. B.; CLAUDIO, J. P. Caminhos avaliativos: análise do exame nacional de proficiência em Libras (PROLIBRAS). **Revista Digital de Políticas Linguísticas**, v. 2, pp. 1-19, 2010.

MADEIRA, T. A trajetória dos Tradutores e Intérpretes de Libras de Pelotas e Região Sul. In: ZIESMANN, C. I.; LEPKE, S. **Formação de professores e as práticas pedagógicas: estudos e reflexões sobre a língua brasileira de sinais**. Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018. Pp. 118-238.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Portaria MJ Nº 1.220, de 11 de julho de 2007**. Brasília, 2007.

MOREIRA, L. C.; FERNANDES, S. F. Reflexões sobre o perfil e expectativas dos participantes do Prolibras no Estado do Paraná. **Revista Educação Especial**, n. 30, pp. 199-210, 2011.

PEREIRA, M. C. P. **Testes de proficiência linguística em Língua de Sinais: as possibilidades para os intérpretes de Libras**. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

PEREIRA, M. C. P.; FRONZA, C. A. The Prolibras Test as an Assessment of Brazilian Sign Language Interpreters Proficiency: A Critique. In: LEESON, L.; WURM, S.; VERMEERBERGEN, M. (Orgs.). **Signed Language Interpreting: Preparation, Practice and Performance**. [Volume 1]. Londres: St Jerome Publishing, 2011. Pp. 37-49.

PEREIRA, M. C.P; FRONZA, C. A. Estudos sobre a proficiência linguística do intérprete de Libras. **Cadernos do CNLF – XI Congresso nacional de linguística e filologia**, v. 9, n. 9, pp. 1-12, 2007.

PEREIRA, M. C. P.; RUSSO, A. Relatos autobiográficos na história dos TILS. In: **XIII ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES E O VII ENCONTRO INTERNACIONAL DE TRADUTORES** - ABRAPT, 2019, Universidade Federal da Paraíba, Campus João Pessoa. Encontro Nacional de Tradutores [...]. João Pessoa, 2019.

PEREIRA, M. C. P.; SANDER, R. E. Entrevista com Ricardo Ernani Sander: história viva dos tradutores e intérpretes de Libras. **Revista Sinalizar**, v. 8, e75030, 2023.

PIZZIO, A. L. *et al.* **Língua Brasileira de Sinais III**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

QUADROS, R. M. (Org.). **Letras libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: UFSC, 2015.

QUADROS, R. M. *et al.* **Exame PROLIBRAS**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L. **Língua brasileira de sinais II**. [Apostila do curso de Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância]. Florianópolis: UFSC, 2009.

ROCHA, S. M. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)**. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

ROSA, A. S. A presença do intérprete de língua de sinais na mediação entre surdos e ouvintes. In: SILVA, I. R.; KAUCHAJE, S.; GESUELI, Z. M. (Orgs.). **Cidadania, Surdez e Linguagem**. São Paulo: Plexus, 2003. Pp. 235-246.

ROSA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. [Dis-

sertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SANTOS, S. A. **Intérpretes de língua brasileira de sinais: um estudo sobre as identidades**. [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SILVEIRA, C. H. **Mitos sobre língua de sinais – discussões com alunos de medicina e fonoaudiologia**. 9^a ANPED Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012.

STELLE, T. G.; STREIECHEN, E. M. Os principais mitos sobre os surdos e a língua de sinais. In: **EDUCERE, 2013**, Curitiba/Paraná. XI Congresso Nacional De Educação – EDUCERE, 2013.

STOKOE, W. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, v. 8, pp. 4-36, 1960.

TOMASZEWSKI, P. Sign language development in young deaf children. **Psychology of Language and Communication**, v. 5, n. 1, pp. 67-80, 2001.

WILCOX, S. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. **Cognitive Linguistics**, v. 15, n. 2, pp. 119-147, 2004.

WITCHES, P.; MORAIS, S. Interpretação de língua de sinais no Brasil de 1907 a 1959. **Belas Infêis**, v. 10, n. 1, pp. 1-20, 2021.